

5 SET 1995

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



O otimismo é rosa

O presidente Fernando Henrique não dá muito importância às cenas de canibalismo explícito que se têm desenrolado no Congresso entre os partidos que o apóiam.

Aluno de Florestan Fernandes, que leu e analisou todos os relatos sobre os índios que os primeiros visitantes europeus do Brasil escreveram, sabe que o choro é bom entídoto para antropófagos. Eles buscam, ao comer a carne dos derrotados, absorver as suas qualidades. Ora, se a vítima desanda no choro na hora de ser sacrificada, escapa à tacapada fatal. Um guerreiro não quer saber de chorões.

Foi o que aconteceu ao bom Hans Staden, o primeiro alemão da nossa História. Foi amarrado três vezes ao poste ritual e três vezes devolvido à engorda pelas lágrimas que verteu. Um bom exemplo para o alemão de hoje, o Jorge Bornhausen. Não que alguém esteja querendo amarrar o PFL ao mourão do sacrifício, pelo menos por agora, mas sempre é bom ter a saída ensaiada.

O otimismo do presidente baseia-se na manutenção dos índices de popularidade de seu governo — por volta de 70%. Esse otimismo parece ser contagioso. O secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, encarregado das estratégias de médio e longo prazos do Ministério da Fazenda, anda com óculos cor-de-rosa.

Quinta-feira, dia seguinte à reunião no plenário da Câmara, para uma rodada de pau na política agrícola do Governo, de todas as pessoas que influem na agricultura, a começar pelos secretários dos Governos estaduais, ele reconheceu que a situação do setor ainda é delicada, mas afirmou que os problemas do passado não se repetirão e que a próxima safra já está equacionada satisfatoriamente para os produtores. Diz ele:

— A dívida antiga continua a ser um problema, mas ficou menor. Para a próxima safra, decidiu-se comprar os grãos mais cedo e, também, soltar o crédito logo. No ano passado, a esta altura, só 145 milhões tinham chegado às agências para financiar o custeio agrícola e pecuário. Este ano, as agências do banco já receberam 705 milhões. Apostamos numa taxa de juros fixa, de 16% ao ano, e baixamos para 150 mil reais o teto mínimo dos empréstimos. Os pequenos proprietários, que pedirem emprestado

até 30 mil reais, podem pagar com o produto que colherem. Busca-se, assim, democratizar o crédito. Já compramos dez milhões de toneladas de grãos que, somados aos 17 milhões que o Governo tem em estoque, afastam o perigo de desabastecimento. É certo que podem haver atritos entre os produtores que têm dívidas e os gerentes de algumas agências do Banco do Brasil. Como o banco passa por uma reestruturação importante, muitos gerentes estão inseguros, com medo de as suas agências serem fechadas.

Nem tudo são rosas. Mendonça de Barros reconhece gargalos: “Há, também, problemas por resolver com os produtores de arroz, no Rio Grande do Sul, e de soja, em Goiás. Tanto que eram gaúchas e goianas as placas dos caminhões que vieram protestar em Brasília. Mas, o fundamental para se ver a tendência do futuro é constatar que entramos em um sistema de prefixação de juros, como em qualquer país civilizado, e isto não vai estourar a conta do orçamento.”

Mendonça de Barros tem preocupações e as enumera:

1. Fazer as exportações crescerem, no mínimo cinco bilhões de reais em 96, para evitar em déficit maior na balança comercial.

2. Controlar o aumento de consumo produzido pelo alívio da política monetária e a queda dos juros. E o que chama de carregar louça fina.

3. Aumentar a oferta de bens produzidos no Brasil, aumentando a poupança para investimentos. Neste item, que considera o mais importante, a previdência privada teria um grande papel, o que só poderá ocorrer com a reforma da Previdência.

4. Redividir a distribuição de tarefas entre o setor público e o privado.

5. Reduzir o custo Brasil e resgatar a confiança no futuro, como já aconteceu na indústria automobilística, cujos planos são feitos com muita antecedência.

6. Ter paciência, explicar que as reformas são necessárias mas, sozinhas, não fazem milagres, e perseverar numa política que acredita consistente.

Finaliza:

— A luta contra a inflação em 1965 levou três anos para derrubar um índice de 100% para 27% ao ano. Agora, vamos mais depressa e os preços dos aluguéis e serviços já estão caindo.